

LITERATURA QUE NASCE NO JORNAL — O CASO ITALO CALVINO

Cláudia R. F. Lemos*

RESUMO/ INTRODUÇÃO

Italo Calvino, o autor italiano mais conhecido do século 20, exemplifica a imbricação entre literatura e jornalismo, uma relação que data do nascimento do romance, reflete o papel do escritor e do jornalista na sociedade e vem marcando as duas linguagens. Desde a década de 40, antes de publicar seu primeiro romance, Calvino escrevia e editava jornais. Muitos de seus contos e ensaios nascem de textos escritos para jornais e são nitidamente marcados por essa gênese.

CALVINO LEITOR DA CULTURA DE MASSA

O escritor conta que inventou as primeiras histórias quando ainda não sabia ler, a partir das imagens de *comics* americanos, publicados pelo semanário italiano *Corriere dei Picoli*. O menino se dedicava a contemplar os quadrinhos e a interpretá-los repetidas vezes, de maneiras variadas.

*Esse hábito certamente retardou minha capacidade de concentrar-me sobre a palavra escrita (a atenção necessária para a leitura só fui adquirir mais tarde, e com esforço), mas a leitura das figurinhas sem palavras foi para mim sem dúvida uma escola de fabulação, de estilização, de composição da imagem.*¹

Evocada na conferência sobre a visibilidade em *Seis propostas para o próximo milênio*, a experiência remete ao poder das imagens de fazer pensar e refere-se ao papel fundamental do repertório produzido pela indústria cultural. Calvino lembra o tempo em que a

* Jornalista, mestre em Teoria da Literatura e doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Assessora de Imprensa do Supremo Tribunal Federal. Professora na graduação em Comunicação Institucional no Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB).

¹ CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.p.109.

memória visual do indivíduo estava restrita a sua vivência direta e a um conjunto bastante limitado de imagens da tradição, para advertir que a profusão e a onipresença das imagens industrializadas podem impedir o indivíduo de formar combinações originais, ou pelo menos inesperadas.

Entretanto Calvino define a si mesmo como um filho da civilização da imagem e recorda a silhueta do Gato Félix como seu primeiro modelo de elegância e de síntese. Na juventude, antes de começar a escrever, desenhou tirinhas e charges que chegaram a ser publicadas. *O visconde partido ao meio*, *O cavaleiro inexistente*, *O barão das árvores*, *O castelo dos destinos cruzados* são histórias suas contadas em função de figuras como, na opinião de Calvino, a maior parte das histórias na literatura de hoje. De onde surgem essas imagens? Certamente de processos que transcendem o indivíduo, cuja fantasia trabalha com os fragmentos de um conjunto imagético provido pela tradição e pela cultura de massas.

Escrevendo sobre o cinema, a pedido de Fellini, Calvino confessa que o que mais gostava de fazer, na adolescência, era ir ao cinema diariamente em San Remo. Ali assistia, nos anos entre 1936 e 1941 (dos 13 aos 18 anos), preferencialmente filmes americanos, algumas vezes dois por dia. Algumas resenhas foram publicadas pelo *Giornale di Genova*, em 1941. Ao recordar sua experiência de espectador voraz, o escritor italiano conclui que as imagens convencionais de Hollywood, mesmo no seu artificialismo e mistificação, lhe proporcionavam distanciamento.² A formulação é similar ao potencial apontado por Benjamin na fotografia e no cinema. Trata-se do poder da imagem, e também da narrativa, de oferecer ao leitor ou espectador um campo de elaboração indireta do real.

Como afirma Benjamin, “fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas” é a tarefa que dá sentido aos produtos da indústria cultural.³

² CALVINO, Italo. *Autobiografia di uno spettatore*. In: CALVINO, Italo. *La strada di San Giovanni*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1990.

³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.174.

No mesmo sentido, quando Calvino adverte para o risco de perdermos a capacidade de pensar por imagens, diante do excesso delas, é para propor uma pedagogia da imaginação, que jamais recusa as características do seu tempo. Se é impossível escapar da presença invasiva da indústria da comunicação, o escritor propõe o uso da palavra para alcançar e preservar tanto a experiência concreta como a fantasia das imagens. Vê na escrita o caminho do pensamento, por meio do qual o homem contemporâneo pode aprender a decodificar o universo de signos em que vive e adquirir um suplemento de consciência.⁴

Calvino colaborador da imprensa

Numa entrevista, Calvino disse que a sua era uma moral de artesão: *‘Cerco di fare prodotti che servano. Non mi prefiggo mai come fine la soggettività, l’espressione di un me stesso — che non so quale sai. Mi prefiggo il servizio, il fare ogni volta l’oggetto che mi chiedono (...)’*⁵. Para ele, a razão de ser do escritor poderia ser resumida em “ajudar o mundo — as coisas, as pessoas — a se verem”. Com essa finalidade, produz igualmente literatura e jornalismo.

Calvino foi um produtor inserido na indústria cultural, tendo trabalhado como jornalista, assessor de imprensa e editor, além reelaborar o repertório da cultura de massa em sua literatura. Em 1945, depois de participar da luta “*partigiana*”, publica os primeiros artigos para jornais comunistas em San Remo, cidade natal. Logo em seguida, volta a Turim, onde havia começado os estudos de Agricultura, transfere-se para a Faculdade de Letras e passa a

⁴ MILANINI, Claudio. *L’utopia discontinua*. Saggio su Italo Calvino. Milano: Garzanti, 1990. p. 154.

⁵ “Procuro fazer produtos que sejam úteis. Não proponho nunca como fim a subjetividade, a expressão de mim mesmo — que não sei o que seria. Me proponho o serviço, o fazer cada vez o objeto que me pedem (...)” Apud MILANINI, Claudio. *L’editore di se medesimo*. In: BERTONE, Giorgio (Org.). Italo Calvino. *A writer for the next millenium. Atti del Convegno internazionale di studi*. San Remo, Centro Congressi Ariston, 28 novembre 1996. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 1998. p. 67-77.

colaborar regularmente com *L'Unità*, diário do Partido Comunista Italiano. No jornal assina a coluna “*Gente nel tempo*”, na página 3, em que escreve crônicas, artigos e reportagens.

Em 1947, Calvino torna-se assessor de imprensa e publicidade da editora Einaudi, emprego que deixa em 48, para ser editor da página 3 do *Unità*, e retoma em 49. Entre 52 e 59, é redator e diretor responsável pelo *Notiziario Einaudi*. Em 55, passa a diretor da editora, cargo que manterá até 61, quando se torna consultor editorial.

Paralelamente, mantém a colaboração com *L'Unità*, que só seria interrompida em 57, com a saída do PCI. Em mais de uma década, Calvino publicou artigos, crônicas e também relatos de viagens, com à União Soviética (1951), às Olimpíadas de Helsinki (1952). Em outras revistas, escreve ainda artigos sobre cinema e textos sobre literatura. Em 61, recusa um convite para colaborar regularmente com o *Corriere della Sera*, incomodado com a distração colocada pelas inúmeras solicitações, que interrompem o trabalho nos livros. Mas continua escrevendo para revistas. Calvino retoma a produção regular para a imprensa em 1974, como colaborador do *Corriere della Sera*. Do final de 1979 até a morte, em 1985, escreve na *Repubblica*, diário fundado por Eugenio Scalfari, seu amigo desde a escola secundária.⁶

Isso quer dizer que durante a maior parte da carreira — e da vida — Calvino trabalhou na imprensa. Essa coexistência deixa marcas na obra literária, que freqüentemente toma o jornal como rascunho, espaço de elaboração. Muitos contos e ensaios nascem de textos escritos para jornais e são nitidamente marcados por essa gênese, coerente com a opção do autor pelos textos curtos combinados em estruturas elaboradas cuidadosamente. Os primeiros episódios de *Marcovaldo* aparecem em 1952, no *Unità*. O primeiro episódio de Palomar é publicado em 1975 no *Corriere*. Algumas *Cosmicômicas* e “Um rei à escuta”, do projeto

⁶ MILANINI, Cláudio. Introduzione. BARENGHI, Mario FALCETTO, Bruno. Cronologia. In: BARANELLI, Luca. *Italo Calvino. Lettere*. Milano: Mondadori, 2001. p. XI-XLI e XLV-LXXII. SCARPA, Domenico. *Italo Calvino*. Milano: Bruno Mondadori, 1999. p. 41-46. FERRETTI, Gian Carlo. *La collaborazione ai periodici*. In: FALASCHI, Giovanni (Org.) *Italo Calvino. Atti del convegno internazionale*. Firenze, Palazzo Medici-Riccardi, 26-28 febbraio 1987. Milano: Garzanti, 1988. p.41-52.

inacabado sobre os cinco sentidos, publicado postumamente no volume *Sob o sol jaguar*, também aparecem em jornal.

Entre o jornal e o livro, os textos são organizados e retrabalhados, numa atividade de maturação que dura anos e é intercalada com outros projetos. O volume de *Palomar* será publicado em 1983, oito anos depois da primeira história. Reescreve textos, inclui inéditos e descarta vários episódios. Nesse processo, elimina referências datadas a acontecimentos políticos, lugares e escritores, tendo em vista o projeto de uma obra atemporal, sobre o conhecimento. Trata-se mais uma vez do projeto de Calvino de dar conta do mundo pela literatura, proporcionando ao leitor o distanciamento necessário para fazer sentido dos fatos. Pois os problemas da época estão ali, e Calvino não se furta a tomar posição. Apenas prefere o caminho indireto, acreditando ser ele mais favorável ao pensamento. Assim, por exemplo, as primeiras histórias de Palomar são escritas em agosto de 75, no contexto de uma polêmica entre Calvino e Pasolini, que dura até a morte do cineasta, em novembro daquele ano. Pasolini criticava Calvino pelo “silêncio crescente”, cobrando posicionamento sobre questões como a violência da juventude neofascista. O escritor responde, por meio do senhor Palomar, defendendo a sabedoria de morder a língua três vezes antes de dizer qualquer coisa num tempo em que todos falam sem parar e de concentrar-se para compreender o mundo.⁷

Algumas histórias do senhor Palomar publicadas em jornal e não aproveitadas no projeto do livro são reescritas em primeira pessoa e aparecem como reportagens nos volumes *Una pietra sopra* (1980) e *Collezione di sabbia* (1984). Na colaboração com o *Corriere* e *Repubblica*, Calvino exercitou a dimensão ensaística presente na sua última obra, tanto nos textos desses livros como nas *Seis propostas para o próximo milênio* e na ficção de *Palomar*. Um ensaísmo considerado pelos italianos mais próximo das revistas literárias inglesas e americanas, que do panorama jornalístico nacional. O estilo de Calvino também guarda

⁷ McLAUGHLIN, Martin. *Italo Calvino*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998. p.129-144.

proximidade com certa produção inglesa, caracterizado pela brevidade e contenção, temperado por coloquialismo e humor, em períodos curtos, diretos, que evitam subordinadas e inversões.

Crônicas, relatos de viagem, artigos políticos, resenhas, cartas abertas com posicionamento sobre questões de conjuntura, freqüentemente em polêmica com outros escritores. Mais do que rascunho da obra literária, a vasta e variada produção de Calvino para a imprensa está profundamente inserida na vida política e intelectual italiana da segunda metade do século XX. Mesmo quando abandona a militância partidária, quando se queixa em cartas a amigos do peso da cobrança de posicionamento, quando defende o silêncio e é criticado por isso, ele está presente na arena pública, atuando por meio da imprensa, tomando posição sobre questões que julga relevantes, defendendo seu projeto literário e político.

A pertinência do engajamento do escritor e os limites do conhecimento e da intervenção possíveis sobre a realidade são temas que atravessam toda sua obra e correspondência. “A minha geração poderia ser definida como aquela que começou a se ocupar de literatura e de política ao mesmo tempo”, diz na conferência de 1976 sobre “Usos políticos justos e equivocados da literatura”.⁸ Afirma experimentar, a partir dos anos 70, uma sensação de vazio diante do que parece ser a falta de projetos políticos e literários em que possa acreditar, diante da insuficiência da política e da literatura em face dos problemas mundiais e italianos da contemporaneidade.

Na conferência “Mundo escrito e mundo não-escrito”, proferida em 1983, Calvino retoma a questão. Observa que, ao ler, cada frase pode ser compreendida e permite que formule um julgamento. Ao colocar os óculos de míope e sair para o mundo, entretanto, muitas vezes se defronta com “situações diante das quais dar uma opinião me é impossível e então prefiro me abster de qualquer julgamento”. Na juventude, conta, acreditava que mundo

⁸ CALVINO, Italo. *Saggi. 1945-1985*. Milano: Arnaldo Mondadori, 1995. p. 351-360.

escrito e não-escrito se esclareceriam mutuamente. A avaliação da maturidade é menos confiante na capacidade de compreensão do mundo vivido pelas palavras. Mesmo assim, Calvino faz a defesa do escritor como aquele que vai ao mundo para escrever sobre ele e oferecer sua visão aos leitores, consciente dos mecanismos da linguagem e da saturação de tudo o que se vê pela palavra:

Pour avoir un contact avec le monde extérieur, d'aucuns se contentent d'acheter le journal chaque matin. Je n'ai pas cette ingénuité. Je sais ne pouvoir tirer des journaux qu'une lecture du monde faite par d'autres, ou produite plutôt par une machine anonyme dont la fonction est tamiser, par les poussières infinies d'événements, ceux qui seront qualifiés de "nouvelles".

D'autres, pour échapper à l'emprise du monde écrit, allument la télévision. Je sais toutefois que les images, même saisies sur le vif, font partie d'un discours construit, à l'instar de celui des journaux. Aussi, sans acheter le journal ni allumer la télévision, je me contenterai d'aller faire une promenade.

Mais tout ce que je vois dans les rues de la ville a déjà une place assignée dans le contexte de l'information homogénéisée. Ce monde que je vois, celui dont on s'accorde à dire qu'il est le monde, se présente à mes yeux, au moins pour une large part, comme déjà conquis, colonisé par les mots: c'est un monde sur lequel pèse une épaisse croûte de discours. Les événements de notre vie sont déjà classifiés, jugés, commentés, avant même qu'ils ne se produisent. Nous vivons dans un monde où tout est déjà lu avant de commencer à exister.⁹

Calvino diz não desejar uma volta ao passado analfabeto, acreditando que os ganhos da experiência mediada pela palavra ultrapassam as perdas. Afirma procurar compreender o que se pode fazer hoje. E então aponta a linguagem direta e concreta como instrumento para

⁹ Para ter um contato com o mundo exterior, alguns se contentam em comprar o jornal toda manhã. Eu não tenho essa ingenuidade. Sei que só posso extrair dos jornais uma leitura do mundo feita por outros, ou antes produzida por uma máquina anônima cuja função é peneirar, entre a poeira infinita dos acontecimentos, aqueles que serão qualificados como 'notícias'. Outros, para escapar da prisão do mundo escrito, ligam a televisão. Sei, contudo, que as imagens, mesmo colhidas ao vivo, fazem parte de um discurso construído, a exemplo daquele dos jornais. Também, sem comprar o jornal nem ligar a televisão, eu me contentaria de fazer um passeio. Mas tudo o que vejo nas ruas da cidade já tem um lugar assinalado no contexto da informação homogeneizada. Este mundo que eu vejo, este que estamos de acordo em chamar de o mundo, se apresenta a meus olhos, pelo menos em grande parte, como já conquistado, colonizado pelas palavras: é um mundo sobre o qual pesa uma espessa crosta de discurso. Os acontecimentos de nossa vida já estão classificados, julgados, comentados, antes mesmo de serem produzidos. Vivemos em um mundo no qual tudo já está lido antes de começar a existir. CALVINO, Italo. *Monde écrit et monde non-écrit*. Trad. Martine Guglielmi e Jean-Baptiste Para. *Europe*, Paris, vol. 75, n°. 815, p.112-119, Mars 1997.

se aproximar do mundo pela palavra. Como na conferência de 1976 e na prática desde os anos 40, opta por fazer literatura como mediação e instrumento de autoconsciência, capaz de preservar o humano pela força da voz indireta. Essa é, para ele, a tarefa do escritor, que fala ao leitor tanto pelo livro como pelos jornais.